

APRESENTAÇÃO

Olho d'água – dez anos, décimo volume

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6^a-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos!

Agora, é tarde demais para ser reprovado... [...]

Seiscentos e sessenta e seis – Mário Quintana

A Revista **Olho d'água** chega aos seus décimos ano e volume. Este primeiro número de 2018 conta com artigos que evidenciam a diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas por ela abrigada. Passemos à sua apresentação.

Em “Diálogos entre americanos: Harriet Beecher Stowe, Joaquim Nabuco e Machado de Assis no jornal *O Novo Mundo* (1870 - 1875)”, Priscila Salvaia, explorando o suporte midiático do jornal *O Novo Mundo*, estabelece um diálogo entre Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Harriet Beecher Stowe – articulistas que abordaram a problemática da escravidão como artifício e empecilho à matéria literária – identificando um sentimento de subalternidade cultural em relação à Europa, e particularmente à França, nas posições assumidas em relação ao gênero romance.

Em “*Fanny Hill*, de John Cleland, e *As mulheres de mantilha*, de Joaquim Manuel de Macedo: uma reflexão sobre a falsa moral defendida nos romances”, Gabriela Fardin explora, nos romances em questão, a utilização, pelos autores, de uma fachada de moralidade cuja função seria protegê-los diante dos julgamentos de suas respectivas comunidades leitoras.

Em “Alexandre Herculano: a arte e a ciência do mestre lusitano”, Glener Cruz Ochiussi analisa o romance histórico *O Bobo* e o livro *História de Portugal – I*, avaliando-as como essenciais para a formação do cânone português e demonstrando que, nelas, arte e ciência se entrecruzam.

Em “Ironia, paródia e metaficção historiográfica em *Memorial do convento*, de José Saramago”, Iris Selene Conrado analisa como se dá, no famoso romance, uma revisão crítica da história oficial de Portugal construída com base na paródia, na ironia e na intertextualidade. *Memorial do Convento* se configuraria, deste modo, como metaficção historiográfica que, simultaneamente, denuncia a hipocrisia, a manipulação e as injustiças da sociedade portuguesa à época de Dom João V e dá visibilidade e voz aos trabalhadores anônimos desconsiderados pela história oficial.

Em “Ao redor de um enigma: a estética da dor em *Meridiano de sangue* e *Hiroshima*”, Marcos Vinícius Lima de Almeida examina o problema da representação de imagens que causam horror. Para tanto, analisa as obras de Cormac McCarthy e John Hersey com base

em Aristóteles, que, na *Poética*, afirma que é possível contemplarmos com prazer as imagens artísticas de coisas que, normalmente, olhamos com repugnância na realidade.

Em “O ocaso dos estruturalismos e o momento contemporâneo – rearrumações do campo teórico da literatura”, André Luiz Barros da Silva aborda o chamado “fim dos estruturalismos”, que, submetidos à crítica por suas pretensões totalizantes, cederam espaço para perspectivas teóricas que modificaram o campo da Teoria da Literatura na contemporaneidade. Neste sentido, aborda a contribuição de autores como Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, cujos estudos e proposições renovaram o campo dos Estudos Literários.

Já em “Reflexões contemporâneas – um estudo sobre as crônicas de Dinorath do Valle na imprensa rio pretense (1943 a 1956)”, Vera Lúcia Guimarães Rezende aborda crônicas da primeira fase de produção da mais importante escritora de São José do Rio Preto (SP), publicadas entre 1943 e 1956. Além do resgate historiográfico dessa produção, a articulista reflete sobre o temário escolhido, demonstrando que a abordagem de Dinorath do Valle nessas crônicas já se marcava por um viés e uma linguagem críticos, revelando, também, dados importantes para a compreensão da técnica de composição literária da escritora.

Em “De princesa a heroína – a transformação da personagem feminina em herói no filme *Moana: um mar de aventuras*”, Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Moraes analisa a jornada do herói concretizada pela protagonista do filme dos estúdios Disney, que, segundo o autor, abandona o padrão arquetípico da Donzela/Priincesa, rompendo com estereótipos que o sistema patriarcal idealiza para a mulher e configurando-se como uma heroína feminista.

Em “Um texto-de-leitura de Carlos Drummond de Andrade”, Tieko Yamaguchi Miyazaki e Ricardo Marques Macedo analisam, com base em conceitos da semiótica greimasiana, alguns poemas de Drummond que se configuram, por suas relações, em texto-de-leitura, compondo uma narrativa própria.

Em “Movências do corpo-espaço na poesia brasileira contemporânea”, Douglas Rosa da Silva aborda, por um viés comparatista, poemas brasileiros contemporâneos que discutem as relações entre corpo, imagem e linguagem. Neste sentido, mobiliza a noção de *corpo-espaço* como recurso operatório de leitura de poemas de Laura Liuzzi, Ana Martins Marques e Alice Sant’Anna para abordar “os corpos fundados no espaço” e “os espaços fundados nos corpos”, identificando, nos poemas, consciências que concebem as relações espaço-corpo e corpo-espaço mediante subjetividades poéticas variadas.

Em “Subjetividades urbanas na poesia de Sebastião Uchoa Leite”, Rosana Nunes Alencar analisa quatro obras recentes do poeta, investigando, nelas, as relações entre a subjetividade e o espaço urbano. Demonstra como a (des)territorialização urbana funciona como um espelho que reflete a cidade, o sujeito lírico e a poesia, constituindo uma espécie de abismo em que as fronteiras entre as poesias da modernidade e da contemporaneidade se diluem e promovem a coabitação de subjetividades urbanas de temporalidades distintas. Deste modo, *voyeurs, flâneurs*, homens da multidão, passantes convivem com vampiros, personagens dos quadrinhos, do cinema e com anônimos indicando, na obra de Uchoa Leite, a construção de “espaços-entre” cuja função é fundamental na poética do autor.

Em “Da casa do pai à do marido: mulher e espaço social em Carolina Nabuco”, Marcelo Medeiros da Silva estuda a presença feminina no romance *Chama e cinzas*, publicado originalmente em 1947 pela escritora fluminense. Com isso, resgata obra e escritora do esquecimento e contribui para construção de uma memória feminina em nossas Letras, que demanda uma revisão crítica dos esquecimentos presentes em nossa historiografia literária.

Em “Italo Svevo e o experimentalismo em ‘*Lo specifico del Dottor Menghi*’ e ‘*Argo e il suo padrone*’”, Maria Celeste Tomasello Ramos analisa dois contos do escritor italiano marcados pelo experimentalismo linguístico e pelo fantástico. Demonstra que Svevo constrói determinados focos narrativos, apela ao modo fantástico e reiteradamente aborda, via autotextualidade, os temas da doença e do medo da morte que singularizam a sua obra.

Por fim, em “*As Mutações da literatura no século XXI* segundo Leyla Perrone-Moisés”, Rosângela Fernandes Eleutério faz uma resenha crítica do importante livro em que a crítica aborda as transformações sofridas pela Literatura na passagem da alta modernidade para o contexto contemporâneo.

Agradecemos a todos os que colaboraram para a realização de mais este número da revista e, também, a todos os que colaboraram com a **Olho d’água** nesses seus 10 anos de existência. Boas leituras!

Arnaldo Franco Junior